

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphu Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO:—SECÇÃO DOCTRINAL: *Um preito á rainha do céo*, por A. P. do Amaral.—SECÇÃO CRITICA: *Biblia*, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida; *As minhas dificuldades*; pelo Ex.<sup>mo</sup> snr. D. Antonio d'Almeida.—SECÇÃO LITTERARIA:—*Hymno do Sagrado Coração de Jesus*, pela ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> C. S.—SECÇÃO HISTORICA:—*O seculo XLY*, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO ILLUSTRADA:—*S Pio, Papa e Martyr*; *Achimaas e Jonathas escondem-se em Bahurim*. —RETROSPECTO.

Gravuras: *S. Pio, Papa e Martyr*; *Achimaas e Jonathas escondem-se em Bahurim*.



S. PIO, PAPA E MARTYR

## SECCÃO DOCTRINAL

## UM PREITO A' RAINHA DO CÉO

Dizia ha dias um jornal de Lisboa, que se tem distinguido bem tristemente pela guerra apaixonada que tem sustentado sempre que póde contra as coisas da Igreja, e contra os seus ministros, que o snr. conselheiro Antonio Ennes tinha publicado um livro ácerca da campanha d'Africa, e que esse livro nunca lhe chegara ás mãos (o que de veras muito sentimos), tendo apenas visto uns excerpts n'um jornal religioso. E d'isto depreheende o alludido jornal, que o antigo commissario regio de Moçambique já não é o homem que era, pois que, tendo escripto algumas producções visando a deprimir o culto e os seus ministros, hóje se prostra deante da Santissima Virgem, a quem attribue todo o brilhantismo que as nossas armas adquiriram na nossa Africa oriental. E o que mais o entristece, é ter sido influenciado o illustre historiador, pelo benefico influxo de Sua Magestade a Rainha.

Não sabemos se o snr. Antonio Ennes poz o seu livro á venda; porque, apesar de sabermos que elle fóra publicado, nunca o vimos annuciado, como as demais obras do distincto publicista. Quanto ao jornal religioso, onde o mencionado jornal o viu publicado, foi de certo o *Correio Nacional*, um dos primeiros senão o primeiro jornal português de combate religioso, que possuímos; mas se tivesse os olhos bem abertos, tel-o-ia primeiramente visto no *Correio da Noite*, que, de jornal religioso, apenas póde apresentar certidão de baptismo, como qualquer individuo que vae á missa por ser obrigado a fazel-o, mas que nem repara na côr dos paramentos do celebrante.

Vejam os agora o que era o extracto que elle viu publicado. Não era, como poderá parecer, um ca-

pitulo troncado, um episodio, uma narração dispersa. Era unica e exclusivamente a dedicatória da obra, que o illustrado escriptor houve por bem depor aos pés da sua excelsa soberana, depois de se haver elle proprio prostrado, como catholico fervoroso que é, ao pés da santa, poderosa e immaculada Rainha do Céo.

E diga-me, se não seria para converter um espirito culto e reflectido, — caso esse facto fosse verdadeiro — ver as circumstancias que se deram desde a partida até ao regresso da expedição militar de 1895, a visivel intercessão do Céo, a uncção religiosa de que todos iam possuidos, para que, combinando com tudo isso a data dos acontecimentos, se accreditasse na poderosa intercessão da Virgem Mãe de Deus!

E a Virgem, como é fora de duvida, protegeu as armas portuguezas.

Senão veja-se:

No dia 8 de dezembro, quando a Igreja catholica solemnisa a Immaculada Conceição da Virgem, despede-se o commissario regio da rainha de Portugal, que, como catholica fervorosa, lhe lembra essa circumstancia, mostrando-lhe que a Virgem desde ja começava a interessar-se pelos portuguezes.

Parte a expedição. Chega a Moçambique. Logo a 2 de fevereiro fere-se o combate de Marraquene, em que ficamos victoriosos, mas de forma tal que o salvamento pareceu milagre. E no dia 2 de fevereiro solemnisa a Igreja a Purificação da Santissima Virgem.

Passam-se mezes. A 15 d'agosto, em que se commemora a Assumpção de Nossa Senhora, concebe o commissario regio o aprisionamento de Gungunhama, e no dia 8 de setembro, (Natividade da Mãe de Deus) fere-se o combate de Magul em que 275 soldados christãos vencem 6:000 cafres!

Houve ou não houve visivel intercessão da Santissima Virgem a favor dos portuguezes? E podia

um espirito culto e reflectido deixar passar desapercibida semelhante circumstancia? Quem pode argumentar contra factos?

Não é isto surprehendente?

Mas ainda ha mais. A 17 de janeiro de 1897, quando já estava de volta a expedição, beija de novo o commissario regio a mão de Sua Magestade a Rainha, e isto realisa-se quando a Igreja festeja Nossa Senhora da Divina Providencia, isto é, a Virgem que tanto se interessou pela gloria das nossas armas, e a Divina Providencia que secundou a sua intercessão, dando-nos completa victoria.

Eis o que diz a dedicatória do livro do snr. conselheiro Antonio Ennes, e o que diria todo o portuguez que reflectisse nos factos, e se convencesse de que só por milagre conseguiriamos fazer o que fizemos.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## SECCÃO CRITICA

## Biblia

(Continuado de pag. 136)

**D**ALILA. Concubina de Samsão. Os philistheus, sempre inimigos d'este homem, a corromperam, com promettimentos e ameaças, a ponto, d'ella, tendo podido saber aonde elle tinha a sua prodigiosa força, um dia o tosquiar e lho entregar, tendo-lhe elles tirado os olhos e feito em seguida encerrar n'um carcere, aonde o fizeram andar a uma mó até que foi levado ao templo de Dagon. V. *Dagon*.

— Dalilas, sempre as houve e hade haver; mas a par d'ellas tambem sempre tem havido Déboras, Penélopes, e outras que taes.

**DAN.** Filho de Bala e de Jacob. Rachel, vendo-se a principio esteril, deu Bala a seu marido para ver se ao menos por ella tinha filhos. Teve Dan um filho chamado Huzim. V. *Gal*.

**DANIEL.** Propheta da tribu de Judá. Foi levado com os captivos de Jerusalem para Babylonia, aonde serviu os Reis da Assyria e da Persia nos maiores cargos publicos até ao imperio de Dario.

Tendo os grandes de Babylonia concebido a ideia de o perder por inveja da grande consideração em que todos o tinham por causa do seu incompa-

ravel saber, se dirigiram a Dario, de quem Daniel era primeiro ministro, e lhe fizeram entender que era bom que elle mandasse publicar um *edicto* para que por espaço de trinta dias—sob pena dos transgressores serem lançados na cova dos leões—ninguem adorasse a outro Deus que não fosse Dario, ao que o Rei, assim lisongeadado, prontamente accedeu, assignando o tal *edicto* que Daniel transgrediu orando a Deus em sua casa, o que seus inimigos que o espiavam, participaram a Dario que em sua presença se contristou e se dispunha a perdoar, quando elles, tendo-o percebido, lhe disseram: «Sabe, ó Rei, que é lei dos persas e dos médos que todo o decreto assignado pelo Rei... é inalteravel...»

Em vista d'isto ordenou Dario, com grande magua sua, que lançassem a Daniel na cova dos leões, tendo-lhe antes dicto: «O teu Deus, a quem incessantemente adoras, te livrará». E fez tapar a bocca do lago com uma pedra que sellou, para que ninguem de fóra o lá podesse matar dentro. E ao outro dia de manhã Dario se chegou á bocca do lago e disse: «Daniel?» E Daniel lhe respondeu: «Vive eternamente, ó Rei. O meu Deus me salvou da bocca dos leões!» E, sendo Daniel tirado da cova, n'ella foram lançados seus accusadores que os leões logo despedaçaram á vista de todos.

Esta já não era a primeira vez que o Propheta se salvava da bocca dos leões, pois já no tempo de Evilmerodach, filho de Nabucodonozor, tinha sido lançado na mesma cova. V. *Decreto*.

DARIO. Rei da Persia. Era filho de Hydaspes da familia de Achemenades. Succedeu, por eleição a um supposto Smerdes que, passados mezes, tinha sido morto, o qual havia succedido, por usurpação, a Cambyzes, filho de Cyro, pretendendo passar por Smerdes irmão de Cambyzes que este havia matado.

Depois de ter ordenado uma grande protecção aos seus Governadores na Judeia em favor da reedificação do Templo de Jerusalem, terminou por dizer: E todo aquelle que se oppuzer a este *edicto* será pregado n'uma cruz e levantado bem alto, sendo-lhe em seguida confiscada a sua casa. Eu, Dario, o ordeno e quero que assim se cumpra.» E assim foi concluída a reedificação do Templo no tempo d'este Rei que assim respondeu ás occuzações dos inimigos dos judeus. V. *Thatanai*.

DAVID. Filho de Jéssé ou Izai filho de Obed filho de Ruth e de Booz. Depois da morte de Saul reinou em Hebron aonde lhe nasceram 6 filhos:

Amnon, Queleab, Absalão, Addonias, Saphatia e Jethrão.

Tendo depois da morte do seu inimigo havido uma longa guerra entre a casa de Saul e a de David, chegaram finalmente a consolidar-se, tendo, depois da morte de Abner e de Isbozeth, vindo todo o Israel a Hebron prestar vassalagem a David. V. *Respha*.

Deixando Hebron, passou David a Jerusalem aonde lhe nasceram de diversas mulheres: Sammuá, Aobab, Nathan, Salomão, Jebaar, Elyzua, Nephég, Japhia, Thamar, Elyzama, Eloida e Eliphaleth. Reinou David 33 annos em Jerusalem, — idade em que Christo foi pregado na cruz, — e 7 em Hebron, tendo por sua morte subido ao throno seu filho Salomão. V. *Siceleg, Hanon, etc.*

DEBORA. Prophetisa, mulher de Lapidoth. Ensinou a Barac o modo de vencer e derrotar a Sizara, general do Rei Jabin, terminando por dizer: «E elle te temerá e fugirá do campo, e irá acabar ás mãos d'uma mulher.» E foi. V. *Jahel. Debora julgava então a Israel. V. Barac e Sizara.*

DEBORD. Ama de leite de Rebecca. Foi sepultada nas faldas de Bethel debaixo d'um carvalho que se ficou chamando o «Carvalho do chôro.»

DECRETO. Em seguida á sahida de Daniel do lago dos leões, fez Dario publicar o seguinte decreto: «Dario, a todos os seus povos, etc. etc. Tenho decretado para que em todo o meu imperio se adore com temor o Deus de Daniel, por que é o Deus reinante por todos os seculos, sendo que o seu Reino não será dissipado, e que o seu poder subsistirá eternamente. O Deus de Daniel é o Deus que faz prodigios no ceu e na terra, por que Elle é que livrou a Daniel do lago dos leões, etc. etc.» V. *Daniel*.

DEMETRIO. E' o nome d'um ourives de Ephezo que, trabalhando para o templo do Diana, convenceu a todos os do seu officio e outros a rebelar-se, e disse: «Cidadãos, o nosso ganho nos provem do nosso trabalho e, como vedes, Paulo nos está roubando em Ephezo como em toda a Azia, muita gente ao nosso culto, dizendo que os deuses feitos pelos homens, não são deuses; de maneira que, não sómente a nossa profissão ficará morta, mas até a magestade da grande Diana, d'aquella a quem toda a Azia adora, cahirá por terra conjunctamente com o seu templo!» E apenas terminara tudo gritava: «Viva a grande Diana dos ephezos! Viva a deusa de toda a Azia!»

D'aqui uma tal confusão em toda a cidade que custou a serenar, tendo os revoltosos ainda chegado a remetter

contra Cayo e Aristarcho, companheiros de S. Paulo.

DEMETRIO. Rei da Syria. Foi morto em combate por Jonathas, irmão de Judas Maccabeu, tendo-lhe succedido Demetrio seu filho, que continuou em guerras com o mesmo Jonathas, etc. etc. V. *Jonathas*.

DEPOIMENTO. Quando uma testemunha accuzar alguém falsamente, diz a Lei de Moysés, provado isso, soffrerá essa testemunha o que pretendia fazer soffrer ao seu proximo, isto é: vida por vida, olho por olho, dente por dente, moeda por moeda, terra por terra, mão por mão, pé por pé, etc. etc.

—D'aqui a lei taliana ou de Talião, como se vê.

DERROTA. A dos israelitas para Canaan foi: De Ramesses a Saccoth, a Elam, a Thiahiroth, a Magdalo, a Mara, a Elim, ao Mar vermelho, ao deserto de Sin, a Aluz, a Raphidim, ao Sinay, a Remon-Phares, a Sepher, a Arada, a Thahath, a Thare, a Methca, a Hesmona, ao monte de Galaad, a Aziongaber, a Hor, a Salmon, a Egiabarim nos limites de Moab, a Dibon-Gad, a Helmondeblathaim, ás seras de Abarim, ás planicies de Moab defronte de Jericó, aonde Deus disse a Moysés que dissesse aos filhos de Israel que passassem o Jordão e que, entrando nas terras de Canaan, exterminassem seus habitantes, quebrassem seus padrões, derrubassem seus idolos, queimassem seus bosques, etc. etc., e tomassem para si as suas terras. V. *Repartidores*.

DEUS. Quando Abrahão contava 99 annos d'idade, lhe appareceu Deus, —provavelmente em visão, e lhe disse: «Eu te farei pae de infinitas gentes e chefe de nações, porque de ti sahirão Reis, e darei á tua posteridade a terra da tua peregrinação, —ou de Canaan, que era a que ao tempo habitava,—contanto que eu seja o teu Deus e que todo o menino macho que nascer entre ti e tua descendencia seja circumcidado 8 dias depois do seu nascimento, em signal eterno do pacto que hoje faço contigo, sendo que o que não fôr circumcidado será a alma apagada do seu povo, por se haver tornado o irritado do seu pacto perante mim.» —O sublinhado é nosso.

Depois d'isto lhe prometteu Deus que Sara, que então contava 90 annos, teria um filho que seria chamado Izaac, e que com elle ficaria subsistindo o pacto que acabavam de fazer, depois da sua morte, isto é, depois da morte de Abrahão. V. *Gerara*.

DEUS.—Ente supremo, Criador, e Principio, Causa, de quanto existe, tanto visível como invisível. E, para responder aos incredulos, faremos ape-

nas estas simples perguntas, cujas respostas maduramente pensadas lhes farão confessar a existencia d'um ser superior a que uns chamam Deus, outros o grande Architecto, etc. etc.

A'lem da infinita criação do espaço respondi-me, ó atheus: D'onde veio o primeiro homem, a primeira ave, o primeiro peixe, a primeira abelha, o primeiro insecto, o primeiro tudo?... D'onde, se não de Jehovah? Criae do nada um mosquito, e dae-lhe vida; um simples atomo, e apresentae-nol o com o vosso microscopio, que depois tudo será atheu racional e de boa fé!

**DIA.** Filha de Job. Era dotada de rara formosura. Teve mais 2 irmãos d'igual belleza: Cassia e Cornustibio.

**DIBON.** Rei de Moab.

**DILUBIO.** V. *Arca de Noé.*

**DINA.** Filha de Lia e de Jacob. V. *Sichem.*

**DIOTREPHES.** E' o nome d'um grande adversario dos Apostolos.

**DISTINCÇÃO.** Na Lei do Moysés não havia accepções de pessoas. Era julgado o rico como o pobre, o general como o soldado.

**DIZON.** Filho de Latan, a quem deu 4 netos: Hamdam, Hezebon, Jethran e Caran.

**DODANIM.** Filho de Jovan filho de Japheth Teve mais 3 irmãos: Elyza, Tharsis e Sethim.

**DOEG.** Principe servo de Saul. Achan-do-se no Tabernaculo ao tempo que o Pontifice Aquimelech dava a espada de Golias a David, o foi dizer a seu amo que fez parecer toda a casa do Aquitob, pae de Aquimelech, em numero de 85 pessoas, ás mãos do mesmo Doeg, mandando em seguida á cidade sacerdotal que era Nobe, a extermiar tudo desde o mais novo ao mais velho, desde o maior elephante ao mais infero cão... tendo apenas escapado da casa de Aquitob, Abiathar filho de Aquimelech, por se não ter encontrado, o qual fugiu para David, a quem sempre serviu. V. *Aquimelech.*

**DONZELLA.** Os sacerdotes, diz a Lei de Moysés, só podem e devem cazar com uma donzella da melhor linhagem.

**DOTHAIM.** E' o nome do sitio aonde José, por mandado de seu pae, se foi encontrar com seus irmãos que apascentavam os rebanhos de Jacob, que então habitava no valle de Hebron, e aonde o não mataram porque Ruben fallou em seu favor, mas d'onde foi para o Egypto, porque o mesmo Ruben e Judá aconselharam aos outros irmãos que melhor era vendel-o do que matal-o, no que elles convieram, vendendo-o a uns madianitas que na occasião iam passando de Galaad para o

Egypto, por 20 moedas de prata. E, pegando na tunica de José, a mandaram a Jacob toda ensanguentada, com o recado de que assim a tinham encontrado.

—E cá temos outra vez a inveja de Caim contra Abel, porque a causa d'este procedimento dos irmãos de José, foi a mesma que levou Caim a matar Abel.

José era o filho dilecto de Jacob. V. *Putiphar.*

**DOCTRINA e VERDADE.** Aarão levava estas palavras ao peito quando ia ao Sanctuario, porque as tinha bordadas a oiro no Racional de Juizo, aonde tambem resplandeciam 12 pedras preciosas engastadas em oiro com os 12 nomes dos filhos de Israel. V. *Lamina e Doze pedras.*

**DOZE PADRÕES.** Moysés, depois da recepção da Lei, levantou um Altar a Deus nas faldas do Sinay, bem como 12 padrões em memoria das 12 tribus de Israel.

**DOZE PEDRAS.** Sardio, topazio, esmeralda—carbunculo, Saphira, Jaspe—torqueza, agatha, ametysta—cryzolitico, cornellina, berillo.—Em cada uma d'estas pedras, depois d'engastadas em oiro fino, foi gravado o nome de cada um dos filhos de Jacob a tres e tres, e assim em quatro fileiras, as levava Aarão ao peito no Racional, quando entrava no Sanctuario. V. *Doutrina e Verdade.*

**DUDIA.** Principe-guerreiro que no tempo de David teve a superintendencia no commando de 24 mil homens, assim como Jesboam, Amizabad, Zabadias, Lamoth, Hira, Soboccai, Helles, Marai, Banaias e Holdai a tiveram no de outros 24 mil cada um, constando, por esta fórma, o exercito do pae de Salomão n'este tempo de 288 mil homens.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

## As minhas dificuldades

Dialogo

(Continuado de pag. 140)

**PORTANTO** vós sois a obra de Deus, e lhe pertenceis mais ainda do que o fructo do vosso trabalho vos pertence a vós; pois quando fazeis uma obra qualquer de um pau, ou de uma pedra, ou de qualquer outra materia, sois o auctor apenas do modo e não do objecto em si mesmo, ao passo que Deus vos creou do nada, e vos deu a forma que tendes.

Mas depois de vos ter creado, ter-vos-ha Elle abandonado a vós mesmo, dando-vos o meio de prolongardes a

vossa existencia pelo tempo e pelo modo que vos aprouver?

—Claro está que não.

—Muito bem; pois se a morte não vos arrancou ainda violentamente d'este mundo é porque Deus lhe deu ordem de esperar; e ainda que tenhaes desejo de viver sempre no mundo, forçoso vos é deixal-o quando aprouver a Deus cortar-vos o fio da vida.

—Isso para mim não é novidade.

—Logo, pertenceis a Deus, não só pela criação, como porque Elle é o Senhor da vossa saude e póde alteral-a ou conserval-a á sua vontade; é o Senhor da vossa intelligencia, e póde feril-a de loucura; é o Senhor da vossa vida, e póde tirar-vol-a sem vos consultar; finalmente dependeis absolutamente de Deus, e não podeis subtrair-vos á sua auctoridade. Ora o reconhecimento d'esta dependencia constitue a Religião.

—Comprehendo perfeitamente.

—Pois se comprehendeis, haveis de confessar commigo que é tão impossivel negar a existencia da Religião, como negar a existencia de Deus: é uma crença universal que se impõe pela força das cousas.

V

—Vejo pois com prazer que n'estes dous pontos estamos de pleno acordo, e loucura seria negal-os e tanto mais que sobre isto, a Mythologia entre os pagãos, o Antigo Testamento entre os Judeus, o Corão entre os discipulos de Mahamet, estão de acordo com o Evangelho.

Desde o berço das nações até o seu declinar vê-se sempre dominar o grande pensamento de Deus e da necessidade de se unir a Elle por uma religião. Este dogma está gravado á entrada dos seculos como para avisar as nações posteriores. Nos tempos antigos nunca se acreditou que se podesse passar sem religião.

«Percorrei o mundo exclamou Plutarco, e achareis cidades sem muralhas, sem casas, sem gymnasios, sem leis, sem moeda, e sem letrados; mas um povo sem Deus, sem oração, sem juramentos, sem ritos religiosos, e sem sacrificio, isso jámais achareis». Nos tempos modernos as descobertas da navegação provam que sempre foi assim.

Vejo o indio do Peru adorar o sol que o aquece; o de Bengala, adorar o rio Panges que fertilisa os seus campos; o negro Iolofa adorar o oceano que refresca as sus praias; o samoyeda do Norte, adorar a rã que o nutre; o Iroquez errante, pedir aos espiritos dos lagos e das florestas uma pesca e uma caça abundantes.

Por toda a parte a crença na Divindade, por toda a parte uma homenagem e um culto. E' pois um artigo da lei natural; e todo aquelle que não o reconhece e a elle não se submete, é um louco, um orgulhoso que com o seu proceder diz: Todos os homens se têm enganado, e só eu tenho razão.

Ora se ha uma religião como acabamos de vêr, como pretendes vós ter alguma cousa de mais importante a fazer do que vos occupar com ella? Eis o principal da nossa questão, e que eu agora vou atacar de frente; e como já estou convencido da vossa boa fé, não me será difficil convencer-vos de que estaes em erro. Estaes pois disposto a ouvir me?

—Com muito gosto, e se os vossos argumentos forem convincentes como até aqui, desde já me rendo.

## VI

—Conheci um joven que fazendo uma viagem de recreio pela Suissa, ao atravessar um valle estreito e profundo, encontrou pela primeira vez um d'estes homens que a geographia nos dá a conhecer sob o nome de Cretinos. Teria vinte cinco annos de idade, olhar fixo e espantado, cabeça enorme, feições grossas, bocca entreaberta, deixando ver uma lingua inchada e viscosa; no pescoço tinha uma enorme papeira; um panno velho cobria o seu corpo até aos joelhos. Este desgraçado estava tristemente sentado á beira do caminho. O viajante aproximou-se d'elle e perguntou-lhe como se chamava, mas não obteve resposta. Insistiu, procurou saber de que familia era, onde morava, mas o infeliz olhando para o viajante com um olhar fixo e estúpido, não dizia palavra. Compreendeu então que tratava com um imbecil, teve piedade d'elle, e deu-lhe uma esmola; então as suas feições se contrahiram, sorriu-se estupidamente, e do seu peito saiu um som inarticulado, semelhante ao grito de um animal.

Eis certamente um estado bem miseravel, mas conheço outro mais miseravel ainda: o do homem que não se occupa de religião. E com effeito, se não tendes conhecimento de vós mesmo, sereis por ventura superior a este cretino? E se não é assim, dizei-me: Quem sois vós? d'onde vindes? para onde ides? Em uma palavra, porque sois um homem? quem vos poz no mundo? Que deveres vos impoz Deus ao collocar-vos n'este valle de lagrimas? Que vos tornareis depois da morte? sereis um condemnado ou um eleito?

—Tudo isso é negocio dos Padres.

—Mas isso não é uma resposta, é uma evasiva. Na verdade que não vos

compreendo! Pois não sabeis quem sois e quereis ser racional? Perguntae ao soldado porque é militar, e o que é ser militar; perguntae ao magistrado porque está na magistratura, e o que é a lei; perguntae ao medico porque estudou medicina e o que ella é, e se elles vos responderem que nada sabem, não tereis o direito de lhes dizer que estão privados da razão?

Um viajante que não sabe d'onde vem nem para onde vae, é um louco. Ora se eu vos pergunto como é que sois um homem e porque o sois, e respondeis que isto é negocio de Padres, isto é, que não sabeis, permitti que vos diga, que a vossa resposta é peor que a do pobre cretino, porque se elle se ignorava a si mesmo, não era por sua culpa, ao passo que vós podeis sabel-o, a Religião o ensina, e a vossa razão é susceptivel de o comprehender, mas vós vos recusaes a occuparvos da Religião.

## VII

—Desafio-vos, entre todos os vossos negocios, a citar-me um mais importante que aquelle.

Vou suppor por um momento que sois possuidor de uma grande fortuna; tendes trezentas mil libras de renda e habitaes em um palacio magnifico. Chegastes a occupar ou occupaes um dos primeiros cargos da nação; o vosso nome é illustre, e o mundo vos admira. Hontem á noite adormecestes no vosso leito, e durante o vosso somno um ladrão habil vos transportou do vosso leito para uma carruagem fechada. De repente acordaes com os solavancos e com o rodar da carruagem puxada por seis vigorosos cavallos. Procuraes saber onde estaes, mas é-vos impossivel olhar para fóra.

Onde eston? começaes a perguntar a vós mesmo; quem me tirou do leito? Para que? aonde me conduzem? Será um inimigo que quer tirar-me a vida:

—Supponho então uma voz que se faz ouvir; um homem montado, atraz da carruagem, vos grita: Que temeis? Não sois nobre, rico e poderoso? não tendes um nome illustre?—Mas de que vos serve tudo isto? Aquelle que vos falla, ri-se de vós. O que vos importa unicamente saber n'este momento é saber quem vos tirou do vosso leito e com que fim; emquanto não souberdes isto ficaeis angustiado porque nada sabeis, e todos os vossos titulos de riqueza e nobreza de nada valem para resolver este problema: para onde me levam? Serei assassinado? Ora esta posição é exactamente a vossa. Não ouvis tocar a agonia: Não vedes o coveiro no cemiterio abrir uma sepultura? Pois esta agonia é a vossa, e aquella

cova é a mesma onde haveis de ser sepultado dentro em pouco. Ninguem escapa á morte, seja rico ou pobre, nobre ou plebeu. Pede-se evitar uma desgraça, mas não a morte.

Ora em face d'esta verdade tremenda deveis perguntar a vós mesmo: Que fará Deus de mim depois de minha morte? Serei castigado com o Inferno, ou recompensado no Céu? Que verei fazer para evitar este castigo, e merecer esta recompensa?

Ora a Religião e só ella vos pode ensinar tudo isto.

Reflecti pois bem n'estas verdades que acabais de ouvir para evitardes o ser desgraçado eternamente.

O' vaidade das vaidades! Vi um poderoso da terra que era levado com grande pompa á sua ultima morada. Um cortejo immenso e illustre acompanhava o morto que ia collocado em carro coberto de ricos pannos de veludo franjados de prata; e esta pompa parecia-me digna de inveja. Mas soube logo que aquelle homem tinha morrido sem religião, Ah! disse logo commigo, como invejar a sua sorte: Todo aquelle velludo carregado de insignias e decoração cobre o corpo de um condemnado! De que lhe servem todas aquellas honras, se elle caiu no Inferno? Celebre o mundo inteiro as suas grandezas á beira da sua sepultura; poderão as suas aclamações dar vida áquelle cadaver? Arrancarão a sua alma ás chammias eternas, esta alma que se maldiz a si mesma, ao pensar que a pratica da religião podia ter mudado as suas torturas em uma felicidade eterna? Mas então será tarde para o arrependimento.

## VII

—Desgraçado d'aquelle que não se occupa de religião.

—O que dizeis é terrivel, e por isso mesmo não devo inquietar-me com a eternidade.

—Mas se é certo que Deus lança no Inferno quem tiver vivido sem religião, que sorte será a vossa?

—Não devo inquietar-me com isso, profiro acreditar que isso é uma fabula.

—Mas se é verdade? Ora suppondo ainda o seguinte:

Um cadafalso está levantado na praça publica; uma multidão de povo está na expectativa; o carrasco espera o condemnado; a carreta fatal apparece; o condemnado sois vós que vedes todos os aprestes para o supplicio, e não obstante contestaes e dizeis: isto é uma fabula, não hei de morrer.—Tiran-vos da carreta, sois conduzido ao cadafalso, estendem-vos na prancha, e vós continuaes: isto é uma fabula, não hei-de

morrer.—Deixareis por isso de ter uma morte tão desgraçada? Eis a sorte que preparais para vós mesmo, caindo no Inferno, porque não praticas a Religião e nem vos quereis dar ao trabalho de examinar se é preciso ou não practical-a.

Em vista d'esta ignorancia profunda de tanta gente sobre a questão vital do genero humano, e do completo descuido em que vive, pergunto: será esta gente detada de razão? E se a tem, de que lhe serve?

Ah! peço-vos pelo amor de Deus e pelo amor de vós mesmos que penseis na Religião, e que a pratiqueis. De que vos serve possuir o mundo inteiro se perdeis a vossa alma! A vida do homem na terra, por muito longa que seja, passa como um sonho, e comparado com a eternidade é menos que nada. Ora de que vos serve gosar por breves momentos, de todos os prazeres possíveis e imagináveis, se depois cahis no Inferno por toda a Eternidade? Ah! mais uma vez, pensae na Religião e pratique-a: é o vosso principal negocio do qual depende a vossa felicidade ou a vossa desgraça eterna; e por isso todos os outros vossos negocios devem ser subordinados a este.

—Muito bem, sinto-me convencido, e vos prometto que vou pensar seriamente em tudo o que me haveis dito; e espero em Deus que o vosso trabalho não será perdido, o que sinceramente desde já vos agradeço.

—Agradecei a Deus e não a mim—*Soli Deo honor et gloria mi autem confusio et peccatum.* E agora para terminar esta nossa abençoada palestra, vou referir vos um facto.

Um joven de uma familia obscura, tinha sido destinado á vida militar. O seu gosto correspondia aos desejos dos seus paes. Tratava-se de o preparar para os exames. Os recursos pecunia-rios da familia eram escassos. Um repetidor sem principios religiosos offerceu-se para dar as lições por um preço muito diminuto. Hesitaram um momento em sacrificar a vida moral do joven por uma vantagem temporal; e todavia o contracto foi concluido. A força de sacrificios conseguiram concluir a sua educação.

Quando o aspecto horrivel de um joven corrompido tão cedo, se apresentava aos olhos dos auctores dos seus dias, estes com os braços já caídos pela força do trabalho diziam: «Trabalhem sem descanso, e peçamos ao tempo a cura do seu coração corrompido; em breve as dragonas do tenente nos indemnisarão.»

O joven continuou com effeito e crescer no mal.

Tornou-se official e chegou ao posto de capitão. Algum tempo depois, em

uma batalha mortifera que se travou sob os muros de Sebastopol, ficou elle estendido no campo e sem forças. O capellão que era seu amigo, vendo-o n'aquelle estado, aproximou-se e ajoelhou-se perto d'elle.

—Soffreis muito? lhe perguntou.

—Ah! respondeu com sorriso sardonico, o que é a gloria humana!

Eis onde elle conduz; agora sei-o por experiencia.

—Mas não está tudo perdido, Capitão, respondeu o Sacerdote, haveis de sarar, e então uma condecoração, um posto superior, serão o premio dos vossos serviços.

Por toda a resposta levantou uma manta que o cobria, e deixou ver as entranhas derramadas por terra.

—E' verdade exclamou o Capellão, acabou-se para vós a gloria humana! Mas ha uma outra para aquelle que cumpre o seu dever. Na outra vida...

—Não, não, interrompeu o ferido, não me fallais n'isso... não quero ouvir fallar...

—Mas Capitão...

—Não me falleis n'isso, repito; trabalhei unicamente pela gloria humana... e já tenho a minha recompensa: morro desesperado.

O Sacerdote em vão procurou salvar aquella alma que saiu d'aquelle corpo no meio de uma luta horrivel. Depois de morto conservou no seu rosto os signaes da sua morte desesperada.

Tal seria a vossa sorte se persistis- seis em não vos occupardes de Religião.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Hymno do Sagrado Coração de Jesus

Composto em francez

PELA

B. Margarida Maria Alacoque

Vai-te, ó mundo, que meu gozo  
E' o peito de meu Esposo,  
E' o **Coração de Jesus.**  
Victima de amor ferida,  
Para a morte e para a vida  
Meu ninho só n'elle puz.

Vivo n'esta ardente esphera  
Onde amor é athmosphera  
E a vida um grato penar;  
Mas, se ha na terra um empyreo,  
E' este doce martyrio,  
Este soffrer e gozar.

A **Jesus** minha alma voa  
E por divisa apregoa:  
*Ou padecer ou morrer.*  
Meu **Jesus**, és pena e gloria,  
Meu brio, minha victoria  
N'este amoroso soffrer.

Vinde, ó almas, vinde todas:  
Com seu corpo e sangue, bodas  
Quer o Esposo celebrar.  
Feliz séde, feliz fome,  
Que as almas santas consome  
Do sancto festim do altar!

E' o vinho p'ra castas vidas,  
E' o balsamo das feridas,  
E' o antidoto efficaç.  
Almas, vinde ao calix sancto,  
E cantareis, como eu canto,  
O hymno da eterna paz.

Luzinha do lampadario,  
Que deante do sacrario  
Te consumes em fulgor,  
Assim ha de a minha vida  
Passar toda consumida  
Em amar o Deus do amor.

Visita-me a cada instante,  
Meu **Jesus**, meu doce amante,  
Quer vos espere, quer não.  
Dae-me surpresas suaves;  
Que a vós só entrego as chaves  
De meu fiel coração.

Bem que de amor desfalleço,  
Quero a frida que padeço,  
E beijo a setta d'amor.  
Bemdictas de Deus as frechas,  
Que introduzem pelas brechas  
A paixão de amar com dôr.

Dos corações o alto dono  
Não soffre n'este seu throno  
Ninguem com elle a reinar.  
Quer gente que á dôr se afoite  
E se goze dia e noite  
Em padecer e amar.

Eu toda sou já do amado  
E elle diz-me por seu lado:  
«Eu sou todo para ti».  
Mettem-me já no seu peito,  
Cá soffro, cá me deleito,  
Ai! quam doce é 'star aqui!

C. S.

## SECÇÃO HISTORICA

### O seculo XIX

**B**REVEMENTE vae expirar o seculo XIX: mais dezoito mezes, e elle passará á historia, como aquelles que o precederam. Nas vespervas, porém, d'esse acontecimento proximo, já podemos trocejos o caracter proeminente e pronunciado do seculo que agonisa.

Seculo do progresso, da civilisação, da liberdade, seculo das luzes: é assim que tem sido cognominado por muitos o seculo que vae terminar. Mas com melhor rasão deve chamar-se seculo do scepticismo, da revolução, da anarchia, da revolta, da indifferença religiosa.

Em verdade isto entende-se com referencia ao espirito geral de que tem sido animado o seculo XIX.

Porquanto deve notar-se que um seculo é caracterizado, não por alguns factos particulares que elle apresenta,



ACHIMAAS E JONATHAS ESCONDEM-SE EM BAHURIM

mas pelo espirito predominante durante o seu tracto no mundo.

Este espirito revela-se manifestamente nas ideias que dominam na sociedade, tanto em materia religiosa como em materia politica.

A expressão d'essas ideias vê-se claramente no procedimento dos governos, nas instituições e nas leis, nos costumes publicos, nos gosos e occupações preferidas, nos livros e nos jornaes que estão em posse de maior popularidade.

Para dizer tudo em breves palavras, um seculo é caracterizado pelo conjunto de suas tendencias intellectuaes, religiosas e sociaes.

Assim considerado, o seculo XIX, como é bem conhecido e bem palpavel, distingue-se por seu espirito verdadeiramente satanico, destituído de todo o sentimento catholico.

Echo do precedente que foi chamado o seculo da philosophia, e que melhor se diria seculo da incredulidade systematica, o seculo XIX agonizante tem brillhado por um caracter de irreligião que reina geralmente nas doutrinas e nos factos, no passado e no momento historico que atravessamos.

Todos os espiritos illustrados e judiciosos de qualquer ordem que sejam, estão de pleno accordo em caracterisar d'este modo o seculo que vae passando.

Ha bastantes annos que um celebre apologista da religião e da sociedade escreveu na França:

«Sob o aspecto politico, já não existem, como outr'ora, entre os povos, esse estado de segurança, esse socego moral, esse apego á ordem. Já não existem esses principios conservadores, essas doutrinas sabias e solidas, essas disposições religiosas que presagiam e garantem a par das sociedades e a felicidade dos individuos. Prevaleceu um novo espirito.

«Avidos de mudanças, curiosos, atormentados do desejo de independencia, os povos beberam na taça philosophica que os embriagou.»

Era assim que fallava o insigne Miguel Picot, adversario irreconciliaveis das ideias revolucionarias do seculo XIX, d'este seculo que é filho legitimo do antecedente.

D'esde então o mal, da sociedade tem augmentado; e em fim de seculo

poucas esperanças se dão de retroceder da sua carreira vertiginosa.

A doutrina da soberania do povo é proclamada da maneira mais exaggerada e imprudente. E até muitas vezes por homens que presumem de religiosos.

O odio a toda a auctoridade legitima, e ainda ao mesmo principio de auctoridade, é propagado pelas mil vozes da imprensa e pelos surdos manejos das sociedades secretas, designadamente pela maçonaria.

Effectivamente a imprensa periodica, semanaria e diaria é a grande praga d'este seculo. Que males não tem produzido, e continua a produzir, o jornalismo revolucionario?

Porque a imprensa jornalistica, na sua maior parte, é revolucionaria, anti-religiosa e anti-social! E é esta a mais procurada e lida!

Ha, com certeza, bons jornaes: e é necessario que os haja: são da primeira necessidade: mas, infelizmente, são poucos, e esses mesmos tem poucos leitores, e são, apodados de reccionarios!

Houve quem dissesse um dia ao Santo

Padre Pio IX que devia mandar callar os jornaes catholicos, porque irritavam os animos e animavam os impios.

Sim, respondeu o grande Pontifice, eu farei callar os jornaes catholicos, uma vez que se callem os impios e revolucionarios.

Em todo o caso, e fóra d'esta circumstancia, o jornalismo é o grande cancro da sociedade moderna, a mais poderosa alavanca da revolução, a mania do seculo XIX.

Hoje, e ha muito tempo, applaude-se toda a insurreição popular; o espirito de revolta parece ser o estado natural dos povos.

Appareceram em pleno dia os terriveis monstros do communismo e do socialismo.

Houve sempre desordens no mundo, não ha duvida; nos tempos antigos eram quasi sempre devidas á corrupção do coração. Hoje provem do coração e do espirito. E por isso as revoluções se tornaram quasi diarias, e a Europa se acha sobre um vulcão sempre fumegante.

Similhante estado de coisas, predominante no seculo XII, accusa a ausencia de todo o principio.

Debaixo do ponto de vista religioso, da parte dos governos reina a indifferença completa. A ordem sobrenatural e o poder espiritual são desconhecidos.

Theorias seductoras, chimeras de perfectibilidade, utopias, occupam os homens que usurpam o titulo de sabios. Ha um esforço por achar o meio de substituir a religião.

Ainda que não trato de politica, do que se chama politica, não deixarei de dizer que com o nome de republica, que é o ideal de muita gente, estabeleceu-se o despotismo mais arbitrario, reinam as paixões mais violentas.

Teem se proclamado emphaticamente os tres chamados dogmas: *liberdade, equaldade, fraternidade*, que, no seu verdadeiro sentido, vem do christianismo, e na republica são tres blasphemias, tres mentiras, como diz Donoso Cortez.

Não se diga que exaggeramos o mal da sociedade n'este seculo. Ha effectivamente individualidades, mais ou menos numerosas, estranhas ao movimento geral. Essas individualidades, por seus actos isolados ou collectivos, estão em opposição com o espirito dominante.

Mas é certo que o seculo conserva sempre o seu character distinctivo, pelo qual deve ser definido. Este character é a descrença e a revolta.

Não se diga tambem que todos os seculos são similiaes. Isto é um erro, como sustenta o Padre Gaune com o conde de Maistre.

Cada seculo tem suas preoccupações

e seu modo de ver, segundo o qual deve ser julgado. E nós julgamos o seculo XIX pelo que tem mostrado.

Apella-se para o futuro... mas esse futuro não é auspicioso.

Comtudo a Egreja é immutavel; resistirá a todas as violencias; triumphará de todas as perseguições.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### S. Pio, Papa e Martyr

(Vid. pag. 145)

Era natural da cidade de Aquilea, d'onde foi para Roma, e ahi se aperfeiçoou em todas as virtudes e sciencias mais em voga no segundo seculo, especialmente na sagrada theologia.

Foi depois conego regular, sendo depois elevado ao episcopado pelo papa S. Hygino, e tão apreciado por elle que chegou a associar-o, por assim dizer, na direcção da Egreja Universal. Depois da morte d'aquelle Pontifice, foi eleito S. Pio por unanime votação para chefe da Egreja.

Durante os nove annos que durou o seu pontificado, que segundo Padre Croiset foi de 156 a 165, operou grandes reformas, tanto materiaes, como espirituas, e animou a fé sempre com exemplos e palavras.

A egreja foi atacada por muitos herezes, que este santo perseguiu e fulminou, sendo os principaes valentino que vivia em Roma, e Marcião, natural de Sinope, no Ponto Euxino.

Tão apostolico zelo não podia passar desapercibido aos magistrados do imperador Antonino, apezar d'este principio não perseguir o christianismo, e só fazer reviver antigos editos.

S. Pio foi mettido n'um carcere, soffrendo gloriosamente o martyrio a 11 de julho do anno 165, apezar de Bouillet, no seu *Diccionario historico* dizer que foi no anno 157.

\*  
\* \*

### Achimaas e Jonathas escondem-se em Bahurim

(Vid. pag. 151)

Quando Absalão perseguia David, Chusai participou aos summos sacerdotes Sadoc e Abiathar, afim d'estes prevenirem David, que passasse sem demora para o Jordão, afim de escapar á perseguição dos seus inimigos.

Jonathas filho de Abiathar, e Achimaas, filho de Sadoc estavam a pouca distancia de Jerusalem, mas não se atreviam a entrar na cidade. Uma mu-

lher avisou-os, e elles sahiram para Bahurim, onde deviam encontrar-se com David. Mas, sendo ahi perseguidos, esconderam-se n'uma cisterna, e a dona da casa cobriu-os com uns feixes de trigo.

Mas afinal conseguiram sahir e fallar com David, a quem avisaram do perigo que corria.

## RETROSPECTO

### O Pão de Santo Antonio

O Nosso Santo Padre o Papa Leão XIII enviou o Breve seguinte a uma publicação romana intitulada—*Il Pane di S. Antonio*:

#### LEÃO XIII, PAPA

*Para perpetua memoria*

Foi para a Nossa alma uma grande consolação e uma coisa inteiramente em relação com os Nossos desejos, quando, ha pouco, o Nosso querido filho Laurent Caratelli, ministro geral dos conventuaes, Nos pediu para augmentar e propagar por toda a parte o culto de Santo Antonio de Padua.

E, na verdade, os catholicos teem toda a razão de venerar com honras singulares e affectuosos respeitos Santo Antonio, esse santo, que, por missão particular de Deus, tem o costume de ceder ao povo christão graças e favores continuos, de forma que a Egreja mesma exhorta os fieis a recorrer a elle quando teem necessidade do seu auxilio.

Por estes tempos calamitosos, Santo Antonio de Padua associa-se n'um pacto de caridade com S. Vicente de Paulo, e ambos se occupam em vir em auxilio d'os miseros e em soccorrer o pobre povo. Um dá o pão, outro tral-o. E em muitas egrejas, ha agora um throno com a doce imagem de Santo Antonio de Padua, tendo em seus braços o Menino Jesus. Esta imagem convida e força mesmo suavemente os fieis a pedir-lhe graças, e, em compensação das graças obtidas, depõem no throno o obulo para o Pão de Santo Antonio, destinado aos pobres. Depois, as conferencias de S. Vicente de Paulo, que, pela sua instituição, distribuem ás familias pobres os soccorros necessarios á vida, recebem de Santo Antonio um poderoso auxilio e soccorros abundantes para o cumprimento da sua missão.

Em face d'estes factos, acolhemos com fervor particular a supplica que nos foi submettida e, sempre sollicito em augmentar a devoção dos fieis e em procurar ás almas os thesouros celestes da Egreja, damos aos fieis d'ambos os sexos que, depois de arrepen-

didos e confessados e depois de terem commungado sem interrupção durante treze terças-feiras ou treze domingos consecutivos, tiverem, por piedosas meditações ou orações feitas á gloria de Deus, honrado este Santo, uma indulgencia plenaria applicavel tambem pelos defunctos, indulgencia que se poderá ganhar n'uma ou n'outra terça-feira ou domingo em que se tenham cumprido todas estas condições.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, sob o annel do Pescador, no 1.º de maio de 1898, vigessimo anno do Nosso Pontificado.—*Leão, XIII, Papa.*

Deve ser de veras grato aos instituidores do *pão de Santo Antonio* este Breve de Sua Santidade, pois que mais afervora a devoção para com o grande thaumathurgo portuguez.

#### Consultas

*Consulta 1.ª*—Caio, parcho da freguezia de . . ., recobe fóros de diversos foreiros os quaes fóros estão computados em congrua e se acham archivados na repartição administrativa do respectivo concelho. Nunca ao parcho foi pedido pelos respectivos foreiros o abatimento da decima correspondente, nem tal nota e noticia consta dos antigos parchos; e penso eu que talvez seria pelo motivo de taes fóros entrarem para preenchimento da congrua arbitrada ao parcho d'aquella freguezia e para este não soffrer quebra nos rendimentos dos beneficios de que goza.

Acontece agora que um dos alludidos foreiros pede ao parcho o abatimento da decima (que hoje é de 30 por cento, segundo a lei) e que sem isso deixa de pagar o correspondente fóro.

Tenho em meu poder uma nota que diz o seguinte:

—Os bens dos parchos não pagam decima, quando são computados em congrua. Decreto com força de Lei de 31 de dezembro de 1852.

Carta de lei de 15 de julho de 1857 § 2.º do art.º 2.º Instrução regulamentar de 7 de agosto de 1870. E os fóros d'esta igreja estão computados em congrua. Consta do archivo da camara d'este concelho.

N. B.—A legislação citada prescreve o modo como se ha-de attender na matriz predial ao valor do predio foreiro ao parcho, e cujo fóro está computado, a fim de que o dono do predio foreiro não soffra prejuizo. (Consta da lei supra-citada).

\*

*Resposta*—O decreto de 31 de dezembro de 1852 sobre contribuição predial, manda no artigo 8.º que, para se fixar o rendimento collectavel do predio, não se fará abatimento algum

dos encargos com que o predio estiver onerado, estabelecendo no § unico do mesmo artigo que o proprietario tem direito a deduzir do fóro a importancia da contribuição correspondente, excepto havendo convenção em contrario.

Depois veio a lei de 15 de julho de 1857 e no § 2.º do artigo 2.º declarou isentos de contribuição predial os passaes e outros bens cujo rendimento fosse computado nas congruas.

Esta lei aclarou o artigo 9.º do decreto de 31 de dezembro de 1852.

O codigo civil no artigo 1675 estabelece que o foreiro está obrigado a todos os encargos e tributos lançados ao predio, ou á pessoa em razão do predio; mas no § unico observa que o senhorio directo deverá abonar ao foreiro as contribuições correspondentes ao fóro.

Como depois da publicação do codigo se levantassem duvidas sobre o artigo 1688.º e § unico do artigo 1675.º foi publicada a lei de 3 de abril de 1873 que diz no artigo 1.º «O senhorio directo é obrigado a abonar ao foreiro as contribuições correspondentes ao fóro nos termos do § unico do artigo 1675.º do codigo civil excepto havendo convenção em contrario».

O regulamento da contribuição predial, approved por decreto de 25 de agosto de 1881, diz em o n.º 7.º, do artigo 1.º, que são isentos da contribuição predial—«Os passaes ou casas de residencia dos parchos pertencentes ás parochias ou ás extinctas collegiadas e os demais bens, cujos rendimentos forem computados nas congruas.

Apontada esta legislação, entremos com ella a resolver a duvida, que o nosso consulente deseja ver esclarecida.

A disposição geral da lei sobre contribuição predial é que o foreiro é obrigado a pagar-a por completo á fazenda, devendo receber do senhorio a parte correspondente ao fóro.

E' isto que se nos depara desde o decreto de 31 de dezembro de 1852 até ao codigo civil. Mas esta disposição geral será ainda applicavel, quando o senhorio directo seja o parcho e o fóro esteja computado na congrua?

E' certo que a lei de 15 de julho de 1857 declarou livres da contribuição predial os bens cujo rendimento fosse computado nas congruas.

Os fóros que um parcho recebe, computados na congrua, estarão incluídos nos chamados bens da lei de 15 de julho?

Sobre este ponto não tem sido unanimes as opiniões dos jurisconsultos, pensando uns que não fazendo a lei nenhuma excepção expressa a favor do parcho, quando falla da obrigação de abonar ao foreiro o que elle pagou,

está o mesmo parcho equiparado a qualquer outro senhorio.

Outros, porém, baseados na generalidade com que se exprime a lei de 15 de julho de 1857, sustentam que os fóros computados na congrua parochial são livres de contribuição para o parcho, julgando por consequente incluídos os fóros nos bens a que se refere a lei de 15 de julho.

Mas se os fóros são livres de contribuição para o parcho, recahirá ella sobre o foreiro? Se assim fosse haveria uma injustiça e, devendo a lei ser igual para todos, não o era para quem fosse obrigado a pagar fóros ao parcho.

Sendo a lei de 15 de julho muito expressa em declarar que são livres de contribuição os bens computados na congrua parochial, entendemos que o parcho por nenhum principio é obrigado a descontar ao foreiro a importancia da contribuição.

Mas pôde dizer-se que em tal caso se obriga o foreiro a pagar toda a contribuição por um predio de que não tem a propriedade plena, o que representa uma injustiça. A este reparo dizemos nós que o foreiro tem direito a que lhe seja abatido pela fazenda o encargo.

O § unico do art. 100 do regulamento de 25 de agosto de 1885 auctorisca esta deducção, pois diz: «Pelo contrario quando o fóro, censo ou pensão seja isento da contribuição predial, será abatido do rendimento collectavel do predio a importancia do encargo isento.»

Da Voz da Verdade

#### A inercia da materia

Subordinado a esta epigraphie recebemos n'esta redacção um opusculo de 24 paginas, em quarto, escripto pelo sr. Philotheio Pereira d'Andrade, e impresso em Bastorá (India Portugueza) na typographia Rangel.

Pretende o sr. Andrade, n'esta obra, que denomina *ensaio philosophico*, combater a opinião do dr. Francisco Xavier de Faria, exposta no «Archivo Medico da India» e a que D. Jayme Balmes expoz na sua «Philosophia fundamental» pois que tanto um como outro negavam a inercia da materia, chegando o sr. dr. Faria a escrever que «se devia ensinar nas escolas que é falso que a materia seja inerte, visto que não pode estar quieta, porque é essencialmente movel.»

Contra esta nova theoria, oppõe o sr. Andrade o opinião de Laplace, de Leibnitz, de Ganot, do abbade Moigne, de Manier, de Biot, Padre Secchi, etc. provando exuberantemente que tem toda a razão, no que affirmava, e que aliás sustentou em successi-

vos artigos, que publicou no jornal a *India Portuguesa* desde o n.º 1783 a 1792.

A edição d'esta obra, que é muito nitida, é dedicada ao snr. Thomaz Aquino Mourão Garcez Palha, barão de Cumbarjua, e inspector de Instrução primaria em S. Thomé, (Salsete).

Agradecemos o exemplar que o auctor nos offertou, e a delicadeza da dedicatória.

#### Adoração a Jesus

Lê-se na «Revista Popular,» excellentissimo semanario de Barcellona:

Como tributo de adoração a Jesus, no seu augusto Sacramento, o povo de Villa Real offerece todos os dias um espectáculo terno e perfeitamente comovente.

Ao tocar o sino, annunciando que na missa do sagrado Lausperenne, o sacerdote eleva a Sagrada Hostia, o povo em massa, sem distincção de classes, edades, nem sexos, quer estejam em casa, ou na rua, qualquer que seja o lugar, onde se encontrem, des-cobre-se e prosta-se, permanecendo em attitude fervorosa, até que o sino dá a terceira badalada, annunciando a terminação da elevação.

São uns momentos formosissimos, em que todos os habitantes de Villa Real suspendem o seu trabalho, dando-se todos os dias o caso, de que quando maior é a animação na praça publica, e maior a algazarra no mercado, soa o sino, e então toda aquella multidão de gente, pouco antes tão buliçosa, se ajoelha, resa, e como se estivesse no templo, permanece até ao fim em attitude edificante. É tal o fervor com que este acto se pratica, que se veem muitas vezes as vendilhonas do mercado, mesmo carregadas ajoelharem-se, conservando-se na mesma posição, e no maior silencio, até completar-se aquelle acto solemne.

Esta santa pratica, continua o alludido jornal, é propria de muitas povoações d'aquella região, e de Valencia, e ainda de alguma povoação de Andaluzia, mas em nenhuma tão unanime e geral, como em Villa Real.

Ora vejam-se n'este espelho os espiritos fortes que não se pejam de assistir a toda a missa de pé, e que na passagem do Sagrado Viatico teem vergonha de se ajoelhar, para adorarem o Rei dos Reis.

Vejam-se n'este espelho todos os que teem vergonha de erguerem as mãos, quando elevam o pensamento a Deus, e que fazem gala de não saberem se quer ao menos o Padre-Nosso!

Em vista de tão arreigadas crenças, de tamanho amor por Jesus Sacramento, como a Hespanha mostra, digam-me os leitores, se ella não é di-

gna de que Deus se lembre d'ella, defendendo-a dos seus inimigos!

#### E que tal?

Dizia o «Primeiro de Janeiro» de 17 de junho findo que n'uma reunião da assembleia geral da «Associação de classe dos officiaes e costureiras de alfaiate» propoz o snr. Rodrigo Cardoso que a associação adherisse ao *circulo catholico d'operarios*, de que o mesmo fazia parte, e que *essa proposta foi rejeitada por unanimidade*.

Mal lêmos isto, dissemos logo com os nossos botões: Aqui anda historia! Que classe tão ferozmente anti-religiosa será esta, que por *unanimidade* rejeita uma proposta que um socio faz para que ella *adhira* a um *circulo catholico d'operarios* que recentemente se havia fundado, com o fim de rehabilitar a sociedade, regenerando as classes operarias, por meio da religião, das preces e das boas obras? Nem que a assembleia fosse composta dos membros da *convenção revolucionaria* de 1792, *que aboliu Deus* seria tão odienta, contra o culto religioso!

E tivemos razão no nosso modo de pensar, porque o nosso apreciado collega *A Palavra* no seu numero de 19 de junho traz uma carta do snr. Rodrigo Cardoso em que declara que a proposta foi aprovada por quatro vezes, *por maioria*, mas era a tal a animosidade do presidente contra essa adhesão, que, á quinta vez, tamanha meada e confusão armou que a proposta foi a final rejeitada, ainda assim por maioria, e não por *unanimidade*, como o digno presidente mandou dizer para os jornaes.

Vejam lá, como se escreve a historia! Foi tal o desgosto que este manejo causou, que uns vinte socios se despediram da associação.

Final se havia alguém—até ultteriores informações—que se parecesse com os convencionaes que levaram ao cadafalso o pobre rei Luiz XVI, era simplesmente o presidente. O seu a seu dono.

#### O seu a seu dono

Lê-se no *El Pilar*:

Uma tarde n'uma das nossas cidades do Meio dia, ia-se trasladar o SS. Sacramento d'uma capella particular para uma igreja proxima. Muitos fieis com tochas accesas rodeiavam o altar, dispostos a seguir a Jesus Christo: entre elles achava-se um soldado.

Amigo, disse-lhe um dos presentes, talvez fosse melhor não sairdes conosco á rua, não seguir a procissão, porque se um camarada vos vir, poderá fazer-vos desagradavel a vida no quartel.

O soldado olhando o seu interlocutor

com estranheza, respondeu com um accento a que a vivacidade da sua fé dava uma força particular.

—Quando o meu coronel passa apresento-lhe as armas.

Quem poderá censurar que tribute a meu Deus tambem as honras que lhe são devidas?

#### Santo Antonio de Padua e uma sua devota

Entre as poucas pessoas que conseguiram salvar-se da catastrophe do Bazar da Caridade, achavam-se as snr.<sup>as</sup> de Hendecourt, uma das quaes soffreu graves queimaduras; e a outra, que ficou completamente illesa, narra assim a sua milagrosa salvação:

«Achava-me ao lado de minha irmã quando rebentou o incendio e vi varias senhoras instar com a duqueza de Alençon para que fugisse; permaneci immovel, a principio sem saber que partido tomar; mas depressa o instincto de conservação me impelliu a procurar uma sahida; porém como todas se achavam destruidas por um montão de chammas, invoquei Santo Antonio n'aquelle instante supremo: «Bom Santo Antonio, lhe disse, há cinco annos que vos invoco em vão, mas hoje confio em que ouvireis minha prece, e me salvareis a vida»; e benzendo-me, corri para uma das portas forcejando por sahir; mas não tardei a perder conhecimento e cahir junto dos mortos e dos feridos, d'entre os quaes me tiraram pouco depois sem ter soffrido a mais pequena queimadura. Santo Antonio havia escutado a minha supplica.»

#### Irmãs de Joanna d'Arc e do Sagrado Coração

Com o fim de prestar assistencia gratuita aos pobres enfermos, fundou-se em Paris uma associação denominada das «Irmãs de Joanna d'Arc e do Sagrado Coração», composta de senhoras da boa senhora.

Esta associação occupa-se tambem n'outras obras de caridade e em particular na de matrimonios, e as suas associadas rogam quotidianamente pela conversão dos peccadores e pelas victimas da maçonaria.

#### A ordem dos capuchinhos

O fasciculo das *Analecta Ordinis Minorum Capuccinorum* do mez de maio contem a estatistica geral da Ordem até 1 de janeiro.

Deduz-se d'ella que a Ordem possui em todo o mundo 531 conventos, 107 hospicios, 58 noviciados; conta 3.876 Padres, 1.938 clerigos e noviços; 2.971 professos leigos. A Ordem possui além d'isto 36 collegios seraphicos com 843 discipulos, entre os quaes o de Stras-

burgo estabelecido no antigo convento de Koenigshofen.

A provincia mais importante é a de Roma, porque ella possui 40 conventos com 121 religiosos. A de Toscana apparece em seguida com 38 conventos e 480 religiosos; a d'Ancona com 38 e 367 religiosos.

A provincia menos florescente é a da Russia, não comprehendendo a Polónia russa; ella possui apenas 19 religiosos, dispersos pelas diversas dioceses.

A Ordem Terceira conta 673:083 membros, divididos por 2:765 Congregações; n'este numero já tão consideravel não se acham os terceiros inserptos nas Ordens franciscanas.

#### Sellos postaes usados

Recebemos uma circular, dimanada do Grande seminario de Liège (Belgica), em que se trata d'uma obra pia de summa importancia, como é recolher os meios necessarios para ajudar os missionarios que evangelizam o Congo (Africa Central), e isto por meio dos sellos usados. Começou esta obra em 1890, e em 1894, só com os sellos vindos de todas as cinco partes do mundo, (tendo-se obtido nada menos de 40 milhões) fez-se uma aldeia christã, no meio das regiões ainda selvagens d'aquella parte da Africa Central, chamada o Congo.

Por isso qualquer pessoa que quizer concorrer para aquella obra pia, lembrando-se de que Jesus disse no Evangelho que quem desse um copo d'agua a um pobre, em seu nome, não perderia a recompensa, póde remetter todos os sellos inutilizados que receber, quer seja de jornaes, quer de cartas, (antigos ou modernos), bilhetes postaes, etc., para R. D. Henrique Valentim no grande seminario de Liège (Belgica). E' preciso, porém, advertir que a Administração dos Correios não permite que se remetam os sellos como amostras ou impressos, mas simplesmente como cartas, (franqueadas), ou se fôr em quantidade consideravel, como encommenda postal.

Resta-nos dizer que Sua Santidade o Pontifice Leão XIII, querendo mostrar o affecto, em que tem esta obra, dignou-se honral-a primeiramente com um Breve em que concede 40 dias de indulgencia para qualquer pessoa que ajude ou favoreça esta obra de caridade, e depois dignou-se conceder a benção apostolica a todos os bemfeitores da obra dos sellos usados, bem como a suas familias.

Alem d'isto todos os bemfeitores gosam: 1.º d'uma lembrança especial no momento de todas as missas celebradas pelos missionarios da Congre-

gação do Coração de Maria;—2.º d'uma missa colebrada perpetuamente por todos os bemfeitores vivos e defunctos, na primeira sexta-feira de cada mez;—3.º d'uma missa solemne para o descanso da alma de todos os bemfeitores, no dia 3 de novembro de cada anno;—4.º d'uma indulgencia de 7 annos e 7 quarentenas para todos os bemfeitores, de cada vez que cooperarem na obra dos sellos usados, podendo ser applicavel pelas almas do purgatorio.

#### Obituario ecclesiastico

Durante a quinzena finda falleceram em todo o reino os seguintes ecclesiasticos:

Em Cabeceiras de Basto, o Rev. Padre Domingos José Alves Querido, parochio da freguezia de Riodouro.

Em Caminha, o Rev. Padre Domingos Antonio d'Araujo Ramalhosa, prior aposentado da freguezia de Lanhiellas.

Em Lisboa, o Rev. Padre Manoel Joaquim d'Araujo Nogueira, antigo parochio encommendado de S. Vicente de Fora.

Em Setubal, o Rev. Padre Francisco Lino da Silva, prior da freguezia de S. Julião.

Em Thomar, o Rev. Prior Padre Manoel Martins da Silva Conceição.

Em Guimarães, o Rev. Padre Antonio Gualberto Pereira.

Em Macáo, o Rev. Padre Vicente Victor Rodrigues, chantre da Sé Cathedral.

#### Uma grinalda offercida á Maria

Uma joven pastora, refere, S. Liguori, tributava á SS. Virgem a mais terna devoção.

Seu maior prazer era retirar-se em uma capellinha de N. S. situada sobre a montanha, onde levava a pastar o seu rebanho. Ahi passava horas inteiras entretendo-se com Maria, como uma filha com sua mãe.

Afflicta por ver a estatua da Virgem sem nenhum ornamento, arranhou-lhe um manto com um retalho. Todos os dias colhia flores no campo, tecia uma grinalda com que cingia a fronte da Madona, dizendo-lhe com a mais terna expressão:

«Queria offercer-vos, ó mãe querida, um diadema d'ouro e pedrarias; mais sou uma pobre pastora e só posso dar-vos uma corôa de flores; aceitai-a como um tributo do meu amor.»

\*

\* \*

Esta simples homenagem, partida

do coração, agradou tanto á Maria, que que ella recompensou-a largamente.

Um dia, a pobre pastora cahiu doente e jazia desamparada em sua misera choupana.

O pae e a mãe andavam longe, occupados em seus trabalhos e nem pensavam que a filha luctava já contra as angustias de uma morte proxima.

Entretanto a coitadinha sentia fugir-lhe a vida.

Sentindo-se desamparada, tremia ao lembrar-se que ia morrer sem os ultimos sacramentos.

Então, com toda a sua alma implorou a Virgem das virgens.

Momentos depois, dois missionarios em viagem, entraram, como para descansar n'aquella pobre morada.

A' esta vista, oh! como palpitou o coração da moribunda:

«Sede benedictos, ó vós, que minha Mãe do céu, envia para junto de mim...»

Dai-me os confortos da religião, para que eu parta para a eternidade, em companhia de Jesus, meu Salvador.

E com effeito, enquanto um dos padres dava-lhe a absolvição e as exhortações convenientes a seu estado, outro ia á igreja visinha buscar o santo Viatico.

Quando tudo esteve terminado, sorriu a pastorinha uma ultima vez e murmurou:

«O' clemente, ó piedosa, ó doce, sempre Virgem Maria!»

E expirou.

\*

\* \*

Filhas de Maria, como esta santa pastora, amae ternamente a vossa mãe!

Feliz de quem ama ardentemente a Virgem Santa: o céu é d'elle!

Entretende-vos a miudo com ella, sobretudo durante o mez de Maria!

Ponde-lhe sobre a cabeça, depositae a seus pés grinaldas e flores!

Santo Affonso de Liguori disse:

«E' impossivel que se condemne um verdadeiro servo de Maria.»

Se se dissesse a um viajante: «Eis um navio sobre o qual é impossivel fazer naufragio!» com que ardor subiria elle para esse barco!

Pois bem, o barco que seguramente conduz á vida eterna é a devoção a Maria!

E a Igreja declarou que a doutrina do santo Doutor, está ao abrigo de toda censura.

Servindo a Maria, estamos, pois, certissimos de evitar o inferno e chegar ao céu!

Gloria, amor e fidelidade á SS. Virgem Maria.

Seja ella para sempre benedicta!

**NOVENA**

DE  
**PREPARAÇÃO PARA A FESTA**  
DO  
**SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

PELO  
*Padre* **CARLOS BORGHI**  
da COMPANHIA DE JESUS  
TRADUÇÃO DO ITALIANO  
**Approvado pelo Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup>  
Snr. D. AMÉRICO,  
Cardeal Bispo do Porto**

Encadernado . . . . . 200 réis  
(Serve tambem para a 1.<sup>a</sup> sexta-feira de todos os mezes).

A' venda no escriptorio de Antonio Dou-  
rado, editor catholico, Rua dos Martyres da Li-  
berdade, 165—Porto, e em todas as livrarias.

**CATECISMO**

PARA USO DO POVO  
CONTRA O

**Protestantismo**

COMPOSTO PELO  
**CARDEAL CUESTA**  
*Arcebispo de S. Thiago*

*Approvado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal  
D. Americo, Bispo do Porto*

Preço: cada exemplar . . . . . 50  
25 " . . . . . 1\$000  
50 " . . . . . 1\$700  
100 " . . . . . 2\$800  
1:000 " . . . . . 16\$000

Vende-se unicamente em casa do editor ca-  
tholico José Fructuoso da Fonseca, rua da Pi-  
caria n.º 74.

Os portes são por conta do comprador.

PHILOSOPHIA POPULAR

**A CONFISSÃO SACRAMENTAL**

PELO  
**PADRE MANUEL MARINHO**  
Approvada e recommendada pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal  
Bispo do Porto  
*1 vol. broch., 250—Pelo correio, 275*

A' venda na administração d'este jornal e  
nas principaes livrarias do Porto.

**AS CHAMMAS****AMOR DE JESUS**

OU  
**Provas do ardente amor**  
*Que Jesus Christo nos tem testemunhado  
na obra da nossa Redempção*

PELO

**ABBADE D. PINNARD**

*Traduzido pelo rev. sr. Padre Silva, professor  
do Collegio de Cucujães — Precedida de uma  
carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues  
Vianna, dignissimo director espirital dos  
Seminarios diocesanos do Porto*

E' um livro precioso e já conta as  
valiosissimas approvações e recommen-  
dações do Eminentissimo Senhor Car-  
deal D. Americo, Bispo do Porto—  
Eminentissimo Senhor Cardeal Patriar-  
cha de Lisboa, e dos Excellentissimos  
e Reverendissimos Senhores Bispos de  
Angra, de Macau, do Funchal e Arce-  
bispo Bispo do Algarve.

Encadernado . . . . . 600 réis  
Pelo correio . . . . . 640 »

Este precioso livro é muito recom-  
mendavel para o santo tempo da

**QUARESMA**

para o que tem

**Quarenta devotissimas meditações****HISTORIA**

DE  
**S. FRANCISCO DE SALLES**

PELO

**MARQUEZ DE SÉGUIER**

*Tradução da 18.<sup>a</sup> edição fran-  
ceza, por M. Fonseca*

**Preço. broch. franco de (porte).  
600 réis.**

**Tudo por Jesus**

OU  
**CAMINHOS FACILS DO AMOR DIVINO**

PELO

**P.<sup>e</sup> Frederico William Faber**  
*Superior do Oratorio de S. Filippe de Nery  
de Londres, Doutor em Theologia*

*Obra traduzida do inglez para o francez*

POR

**M. DE BERNHART**  
*e d'esta lingua para o portuguez*

POR

**M. Preto Pacheco**  
1 VOL. BROCH. 600; ENC. 800

**HORAS DE PIEDADE**

OU

**Orações Selectas**

*Com approvação e recommendação de S. Em.<sup>a</sup>  
o Sr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva,  
Bispo do Porto*

NONA EDIÇÃO

*Coordenada e consideravelmente  
augmentada*

1 vol. enc., 250

edição de luxo, 500

**RESUMO**

DA  
**DOCTRINA CHRISTÁ**

*Com approvação de s. em.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>  
O SNR. CARDEAL BISPO DO PORTO*  
Cada cento . . . . . 1\$000 réis  
Cada 50 . . . . . 700 »  
Cada 25 . . . . . 400 »  
A' venda em casa do editor José Fructuoso  
da Fonseca, rua da Picaria 72 a 74—PORTO.

Todas estas obras se vendem em casa do editor, Rua da Picaria, 74—Porto

**O PROGRESSO CATHOLICO**

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

**CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA**

Continente portuguez e Hespanha, 800 réis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 réis—Estados da India, China, e America, 1\$280 réis, moeda portugueza—  
Numero avulso 400 réis

**As assignaturas são pagas adeantadamente**

**Redactor—ANTONIO P. DO AMARAL. Administrador—JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**

Rua da Picaria 74—PORTO.